

Para médico deficiência na saúde vem de 1964

TRIBUNA DA IMPRENSA

24 NOV 1978

"A diminuição do poder aquisitivo da população em virtude do arrocho salarial é uma das principais causas da deterioração sanitária que vem ocorrendo no país a partir da década de 60". Essa afirmação foi feita ontem pelo Dr. Reinaldo, representante do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde na Jornada Estadual de Residência Médica, que teve início anteriormente no Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro.

A pauta da reunião foi "condições de atendimento à população", e apesar do fraco comparecimento — cerca de 20 pessoas — os debates foram animados e predominantemente políticos. O que mais se discutiu foi "a impossibilidade de se conceber um plano nacional de saúde realmente eficaz, à revelia do sistema político e econômico". Também foi levantado o problema do comportamento do médico, mas sempre partindo da premissa que a negligência e as falhas são consequências das condições desumanas de trabalho a que o profissional é submetido.

ENGODO

O representante da Associação Hospitalar de Bonsucesso traçou um perfil do atendimento de urgência naquele estabelecimento, que atende a uma grande parte da população da Baixada, afirmando que se trata de um "engodo, um pseudo-serviço de emergência", porque o hospital está pessimamente aparelhado — "não há termômetros nem eletrocardiografia no local" — e lá não se respeitam as especialidades, ou seja, qualquer médico atende qualquer caso de urgência. Ressaltou, porém, que a partir de uma intensa mobilização dos médicos residentes do hospital de Bonsucesso se decidiu construir um novo prédio melhor e mais bem equipado.

Para o representante do Hospital da Santa Casa a situação de toda a rede hospitalar municipal é bastante precária. "Apesar de ser uma das mais ricas instituições do Rio de Janeiro — explicou — a Santa Casa não investe no hospital porque ele é deficitário. Mas também não acaba com ele, para manter o caráter benéfico da irmandade". Ele citou algumas peculiaridades da instituição, que por ter sido sempre protegida por gente de grande influência política não paga o gás, a água e nem a luz que consome. "O resultado disso — esclareceu — é que na cozinha do hospital o fogão vive permanentemente ligado. Afinal os fósforos correm por conta da casa". Comentando que a instituição monopoliza praticamente todo o serviço funerário do Rio, o

representante da Santa Casa não resistiu a soltar uma piada: "A instituição cuida da saúde e também da morte de seus pacientes".

CATASTROFE SANITARIA

"Há quantos anos anda atrasado o estado de saúde da população brasileira?" Essa indagação do representante do Cebes, dr. Reinaldo, foi respondida imediatamente por ele próprio: "Da década de 50 para a de 70 houve piora substantiva". Ele se baseou num estudo recente do secretário de Saúde do Estado de São Paulo para afirmar que, na última década se verificou no Brasil uma catástrofe sanitária como há muito tempo não se via, e que além das doenças infecto-contagiosas características dos países pobres a população passou a sofrer também das chamadas "doenças da opulência" — câncer, males cardíacos, — em virtude da industrialização do País.

— E quem paga o pato, prosseguiu, são fundamentalmente as classes populares. A luta pelo melhor atendimento é justa, mas essa deterioração sanitária foi determinada por fatores extra-setoriais. Convém ressaltar que os médicos não devem encerrar isso como uma justificativa para suas falhas, mas é preciso encarar o problema de maneira global.

Depois de exibir um gráfico elaborado pelo Dieese, de São Paulo, mostrando que a mortalidade infantil cresce na mesma proporção em que o salário deixa de acompanhar o aumento do custo vida, o dr. Reinaldo lembrou que "a política nacional de saúde fica sempre no plano material em que os tecnocratas podem enxergar. Além disso nada se faz".

Esteve também na reunião um representante "extra-oficial" do Conselho Regional de Medicina, dr. Otélino de Souza. Extra-oficial porque ele é integrante da chapa eleita por mais de 10.000 votos, e o CRM se encontra atualmente sob intervenção de uma junta imposta pelo Conselho Federal. Otélino se deteve nos aspectos éticos que norteiam a atividade do médico, e defendeu uma revisão no Código de Ética da entidade. Deixou uma pergunta no ar: "Qual deve ser o comportamento dos médicos diante das multinacionais que monopolizam criminosamente a indústria farmacêutica, das filas do Inamps, do desnitrado que procura o hospital, dos colegas de profissão que participam de sessões orientando torturas, da política nacional de saúde que não atende aos interesses da classe e nem da população, do paciente destruído pela violência policial?".